

# Não há perspectiva para o fim da crise

**Novo Ministro vai enfrentar recessão com hiperinflação**

O próximo ministro da Fazenda, interino ou não, terá que enfrentar um quadro desastroso. Na névoa que há vários meses impede qualquer visão de longo prazo apenas uma imagem aparece com nitidez: a combinação de hiperinflação com recessão e desemprego. Impõe entre economistas e empresários uma total falta de perspectiva e talvez isso explique o fato de que pela primeira vez um ministro da Fazenda caia sem que existam articulações políticas organizadas visando à sua substituição.

O empresário José Mindlin traduz o momento como de perplexidade che-

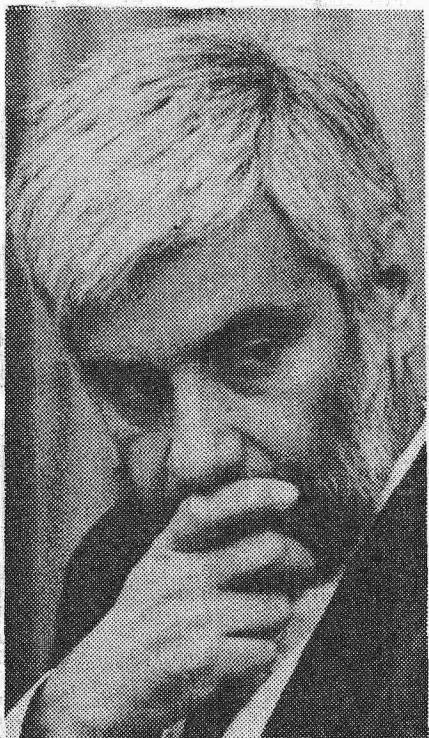
gando a confessar que "ninguém sabe o que vai acontecer". O nível de incerteza é grande, mas não impede que empresários e economistas sejam unânimes em diagnosticar o principal mal da economia: o déficit público".

A solução para esse problema, porém, extrapola o campo econômico para esbarrar na esfera política. Paulo Guedes, economista do Ibme, duvida que o governo Sarney concorde em tomar medidas impopulares num momento em que está politicamente frágil. Luiz Gonzaga Belluzzo, assessor do ex-ministro Funaro, aposta que o novo ministro deverá até trabalhar no sentido contrário com duas finalidades: "Obter um mandato de cinco anos e transformar o Centrão num partido majoritário". Edmar Bacha, da PUC, acha a situação grave, a ponto de impedir que o novo ministro cometer erros.

Fotos de Arquivo



□ O desentendimento com o presidente Sarney que culminou na demissão do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, torna mais difícil fazer política a curto prazo no Brasil. É o que avalia o economista Dionísio Carneiro, da PUC do Rio, ao interpretar a rejeição do pacote fiscal de Bresser Pereira como um sinal de que "o governo não acha urgente nem atribui seriedade suficiente à necessidade de controlar o déficit público". Dionísio Carneiro teme que o próximo ministro venha a ser ou um partidário de um acordo formal com o FMI ou o oposto, vindo a romper com os credores, fazendo o retorno à moratória. O acordo com o FMI seria constrangedor, enquanto a moratória aprofundaria a crise, criando crescimento artificial da economia em 1988, conclui Dionísio.



Edmar Bacha



Paulo Guedes



Luis Gonzaga Belluzzo



Décio Munhoz